

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DO

O SEculo



Redacção, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

Culinaria integralista



No Suisso, Martinho, etc. O freguês:

— Como a linguagem tem mudadol D'antes chomava-se a isto comaa d'urso...



PALESTRA AMENA

Crueldades

Chama-se a atenção dos leitores para o seguinte telegrama de Paris:

«Segundo notícias de Viena tem tomado proporções grandes nos últimos dias, na capital austriaca, a agitação determinada pela carestia da vida, esperando-se serias complicações, caso o governo não consiga, como pretende, baratear as subsistencias. Os emprezaes de telegrafo-postais e ferro-viarios firmaram um accordo para se pôrem em «grève» no dia 24 do corrente, se até lá não se adaptarem várias providencias que julgam necessarias, entre ellas a applicação da pena de morte para os açambarcadores».

Léram? Até onde pode chegar a selvajeria! A pena de morte! Confessamos que ainda temos os cabelos em pé, pelo effeito da leitura, e mais já ha uns tres dias que nos velo parar á mão o jornal que narrava semelhante projecto de crueldade!

Primeiro que tudo, é necessario provar que o açambarcador é nocivo á sociedade, para se lhe applicar uma pena d'estas. depois, é necessario vêr se não ha individuos que com mais forte razão as mereçam, para que as penas se graduem e para que, visto a de morte ser a maxima, ela se applique a esses individuos e outra, menos radical, aos açambarcadores.

Pois digam-nos em que se ha-de condemnar o padeiro, que sistematicamente não pesa o pão, o comerciante, que n'um dos pratos da balança põe o genero so-

bre um papel e no outro o peso sem nenhum papel, o andarilho, que na rua dos Capelistas espalhou que uma determinada casa bancaria está em maus lençois, um empregado publico, que para dar andamento a um negocio licito precisa de que lhe untem as mãos, etc. etc. etc.?

Pena de morte! Mas, ó barbaros austriacos! Isso é coisa que se faça a um açambarcador, que não cometeu outro crime senão o de subtrair á venda uma grande quantidade de generos, quando muito provocando a fome e quiçá a morte a alguns entes sem categoria social!

Felizmente em Portugal essa terrivel penalidade foi abolida dos codigos, pelo que estamos socegadissimos quanto á sorte dos excellentissimos açambarcadores, que correm apenas o risco d'alguuma condecoração.

Mas se, por força, um dia a justiça se vir obrigada a trata-los com menos generosidade, então solicitamos teimosamente que haja para com eles a maior benevolencia: nada de Penitenciaria, nada de costas d'Africa. Se é forçoso que sejam condenados, eis a pena que propomos: Despi-los, pedindo-lhes desculpa do desacato, leva-los para uma praça publica e aí faze-los engulir todos os generos que tenham açambarcados, até á ultima grama. O mais que apanharão será uma indigestão, podendo ser que um ou outro rebente, mas d'aí a pena de morte vai um abismo.

Sejamos compassivos.

J. Neutral.

e nas noticias que dá a tal respeito não se esquece de acentuar que o nomeado é um bom poeta.

Este facto veiu lançar nos nossos circulos litterarios uma bem fundada esperança: a de que o governo portuguez siga o exemplo do francês e comece a aproveitar os poetas como representantes do Portugal lá por fóra.

E' certo que nos fariam muita falta, mas ao atentarmos no quanto o nosso



paiz ganharia sendo representado em verso, o desgosto pela ausencia dos vates atenua-se poderosamente.

Podiamos já indicar alguns nomes, como o de Julio Dantas, que estaria muito bem na Grecia, porque é tu cá tu lá com o Sofocles, mas não nos compete essa missão.

E' claro que alguns deveriam representar o paiz junto dos regulos africanos e ficar lá por tempo indeterminado, mas d'esses tambem não diremos os nomes, que temos debaixo da lingua, porque não queremos que nos atribuam propositos que não temos.

E' preparar a malinha, srs. poetas.

Para traz

Que estamos regressando aos costumes primitivos, eis um facto que ninguém pode negar. Os caminhos de ferro, pelo incomodo e perigo que actualmente representam, sem contar que só quem fór milionario pode suportar-lhes as tarifas, provocam saudades da mala-



posta; a falta de gaz, obrigando-nos ao petroleo—o bem pouca gente ganha para ele—faz-nos pensar, tambem saudosamente nos candieiros d'azeite; os jantares, reduzidos ao minimo, as roupas, custando os olhos da cara—tudo nos obriga a invejar os nossos antepassados prehistoricos, que comiam hervas

e frutos, que andavam com folha de pirra, que não tinham nem sombra das apoucações que hoje temos.

Ora nós não queremos que se regresses ao principio do mundo, mas porque não havemos de resuscitar a historia de Portugal af pelo seculo XII? Pelo que, se nos permitem, propomos que, sem revolução, com o consentimento de todos: 1.º—Mandemos um pedido aos arabes para que invadam o paiz. 2.º—Nomeemos rei um D. Afonso Henriques qualquer, que desbarate os arabes em Ourique. 3.º—O casemos e peçamos ao filho D. Sancho, que lhe suceda, que povõe de novo Portugal...

E assim sucessivamente, até á epoca das descobertas, convindo que volteemos a conquistar a India, a descobrir o Brazil, etc. etc., quedando-nos definitivamente no pé em que então nos encontravamos, sem pretendermos caminhar mais adiante na estrada do progresso.

Verdade, verdade, quasi que mereciamos apanhar outra traulitada em Alcaacer-Quibir!

Para o estrangeiro

A imprensa franceza elogia muito o governo do seu paiz por ter nomeado o sr. Paulo Chenel, embaixador do Japão

Obrigados!

Ora até que enfim o nosso amigo Time» começa a fazer-nos justiça. Tempos houve, e não muito afastados, em que se nos referia desagradavelmente, pelo que o «Seculo Comico» teve de lhe dar algumas sovas, que fizeram eco por toda a Europa. Temos, pois, autoridade para hoje o tratarmos bem e agradecermos a gentileza de co-



der as suas columnas a «madame» Tisa, de quem nos confessamos sinceros admiradores-

Agora será bom que de futuro o «Times» continue a provar-nos que não esquece os favores que nos deve, como nós nunca esquecemos aqueles de que somos devedores.

E é contar com o «Seculo Comico», enquanto se portar com decencia, ouviu?



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Ameidade do mé curasão.

Ora até que infin chigou a minha vez de tamem istar in grevia! Inté parsia mal un ome cumu mim, tondo purgresso, aindas nan ter intrado nu movimento mderno das grevias; mas infin cá istou, cus otros mês culegas dos jornais que ó dão u ca jente pede ó nunca mais te iscrevo in letra de impreença minha Zefa. Cenpre té digo que quem afinal mais ganhou ou esta grevjada impreença foi u tal Nicodemio pur que ce livrou de levar nma grande çova cun uma pesa xamada cá in portuguez «A caminho du sol» e que ce arrepresentou na sigunda-fêra paçada nu Pauliteama de cá cuja esta vem a cer u ceguinte: a Aurinha vive n'un palasso cu pai i cu a tia i istá pra casar com un sujêto xamado Valeiro Bejanto, tudo cá da fidalgaria, mas ó pé do palasso á uma fravica i na dita fravica á un prario que é u Çacramento; a Aurinha quer casar cu Çacramento i nan quer u Valeiro i vai daiu cumo é maior casa infetivelmente cun u Çacramento cun lisensa du pai i acabou a pessa que ó tal i cal u «Gaspar Sarralheiro que tu debes ter oivisto alumiarr mas já ce çabe cun uma linguaçe touda puética i pra ver ce mette os dedos plos olhos da jente mas to caroço que eu cá nan çon tollo de ente nin de oje. Cuan-to ó desimpanho toudos istão bem ubrigado antes pelo contrario i cun isto nan te infado mais i dá arrecumendações minhas a quen pur mim preguntar i arresebe çoidosos osclos i maillos piquenos i a ubrigassão du tê marido cenpre fixe inté cando Deus quixer á mãl.

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama
de Poras Rulvas,

A verdade sobre as colonias

Tem corrido boatos desagradabilissimos sobre a nossa colonia de Moçambique, mas nenhum de aceitar. A verdade, verdadinha, ó o seguinte — que já não ó pouco para nos pôr os cabelos em pé:

I — Ha dias uma baleia que passava perto da baia de Lourenço Marques,



abriu a bôca desmedidamente e mostrou evidentes desejos de papar aquella cidade, retirando, porém, para o largo, sem outro procedimento.

EM FOCO



Romanones

*Diz Romanones que a visinha Espanha
Não quer da nossa patria tomar posse
E Portugal responde que se coce
Aquele que acredite em tal patranha*

*Em tempos entrou cá, por força e manha,
Mas a raça dos tolos acabou-se
E os portuguezes: á'hoje dão um doce
A quem quizer bisar essa façanha.*

*O que nos leva, sim, são muitos ovos.
Mas não é furto que nos cause abalo,
Porquanto casos dèsses não são novos.*

*Fazem cá certa falta, mas deixal-o,
Não é por isso que se batem povos
E até lh'os damos, se quizer, de galo.*

BELMIRO

II — Um grande passarão, vindo do lado do Cabo, pairou durante horas sobre a referida cidade, dando guinchos ameaçadores, mas afastando-se também, sem consequências de maior.

E, são casos para meditar, sem duvida, mas podem muito bem não passar de fenomenos naturais, quiçá de rego-sijo em terra e mar pela proxima ida do nosso Brito Camacho para aquelas paragens. Tudo o mais são lerias.

Serviçais

Escrevem-nos varias pessoas atrapalhadissimas por causa do novo regulamento acerca das criadas e criados de servir, visto que serão obrigadas a informar sobre a honestidade e mais partes de quem as servir. Seguem algumas cartas, para as quais chamamos a atenção do sr. governador civil.

«Sr. redactor:

Creio que, em vista do regulamento que vai ser publicado, com respeito ás criadas, eu tenho de dar informações certas da honestidade da minha. Quando a tomei ao meu serviço não cuidei de lhe saber dos antecedentes; agora, de portas a dentro, não tenho razão para supôr que tal honestidade, se a tinha, não se conserve, mas ela sai de quinze em quinze dias. Como prestar informações seguras? Terei de mandar proceder a um exame, por peritos a fim não ser tido por mentiroso? Era fineza esclarecer o leitor assiduo e obg.^o

X.

«Sr. patrão du «Século Comico»:

A abacho acinada ó impreguada du-

mestica i não criada de cervir como diz a noticia que veiu nu «Século» çob u regulamento i as cadernetas que nus vão ubrigar a ter. Não queren lá ver us fedunsiós a crerem metter u nariz na minha onrradez? Que tem o sr. governador civil com as desinflexidades que me aconteceram na minha terra?

U que ó persio é que eu fassa a minha ubrigação i canto ó resto mnestidade tinha a çua avó i istou a ver que isto ção intrigas duma patifa duma culega minha ca gora istá in casa du tal governador civil i que ce quer vengar pur en le ter tirado u namoro qui era padeiro. Vá lá dar livros de maticula a quem quixer nanja á filha da minha mãl. Esculpe i istá ás suas ordres a muito ubrigada

Maria du O', uma sua criada.

«Sr. redactor:

Son homem só e tenho uma criada para todo o serviço. Para mim tem todas as qualidades boas, mas serão elas apreciadas do mesmo modo por qual-quer outra pessoa a quem ela vá servir? Que hei-de eu atestar acerca da rapariga, que a não prejudique no futuro? Espero que, com as propostas de finanças, tal regulamento não seja a ultima palavra e só se ponha em vigor quando tiver sido alterado pelos interessads, criados e patrões.

De v. muito obg.^o

Pirilau.

Correspondencia

«Livros» — O caso tem explicação, mas não a damos.

«J. T. Oreuse» — Vê-se logo que tem vocação para o chinguico. A'ú!!

Melindres cinematograficos

*A policia deve exercer severa
censura nas fitas imorais.
(Dos jornaes).*



Os espectadores:

— Parece incrível que a auctoridade consinta na exhibição d'uma fita tão imoral!